

O BOM PROFESSOR DE MATEMÁTICA: JOGOS DE VERDADE NAS POSSIBILIDADES DE AUTOCONSTITUIÇÃO DOCENTE

Grace Da Ré Aurich
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
dra_grace@live.com

Resumo:

Este trabalho faz parte de um estudo com foco na constituição moral de professores de Matemática em formação inicial. A partir trabalho de Lenzi (2008) - que revelou os efeitos das relações de poder e verdade, através de discursos pedagógicos, na constituição e regulação de práticas pedagógicas, na universidade e na escola -, sob as noções de jogos de verdade, moral e ética em Foucault, discute-se sobre as relações que se estabelecem entre sujeitos licenciandos e as verdades discursivas pedagógicas pelas quais podem constituir-se. Discursivamente, são analisados os ditos e escritos de licenciandos de um curso de extensão para formação de professores, pensando em formas pedagógicas que possam produzir condutas de caráter ético através das referidas ferramentas foucaultianas. Considera-se, ao final, maneiras pelas quais prescrições morais podem tornarem-se condutas éticas, no modo de conduzir-se desse futuro professor, como, por exemplo, em seu planejamento de ensino.

Palavras-chave: formação docente; Educação Matemática; jogos de verdade; moral; ética.

1. Da ideia inicial à questão de investigação

A campanha “Um bom começo, um bom professor”, do Movimento Todos pela Educação¹ apresenta um *jingle* lançado em vídeo², no dia doze de abril de 2011, e traz o bom professor como protagonista de uma educação de qualidade. Na televisão e na internet, através desse vídeo, ambientado por animações que utilizam giz e o quadro-verde, apresenta o aluno em meio às áreas do conhecimento, que a escola oferece para sua formação, atrelada à figura do bom professor. A embriaguez dos telespectadores é complementada com a melodia e o ritmo que vestem a principal verdade ali produzida: “Todo bom começo, tem um bom professor”.

¹ Movimento que visa garantir a educação de qualidade para todos os brasileiros. Criado em setembro de 2006, financiado pela iniciativa privada, que congrega sociedade civil organizada, educadores e gestores públicos, cujo eixo principal é a articulação “Eu, você, todos pela Educação”. Possui cinco metas, com prazo de cumprimento até 2022, são: garantir as condições de acesso, alfabetização e sucesso escolar, além de lutar pela ampliação e boa gestão dos recursos públicos investidos na Educação.

² Vídeo intitulado “Um bom começo, um bom professor”, uma das peças de comunicação do Movimento Todos pela Educação. Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/pecas-de-comunicacao/videos/509/um-bom-professor-um-bom-comeco/>> Acesso em: 23 ago. 2011.

Em apenas cinquenta e nove segundos, o professor é apresentado como “A base de toda conquista”, como “A fonte de sabedoria”, o responsável pelas descobertas, pelos sonhos realizados, pelas ideias suscitadas, pelo que é aprendido, pelas lições de vida, de amor, por “tudo que se inicia”, por “todo bom começo” do aluno, conforme dita o *jingle*.

Todavia, não basta ser um professor, é necessário ser um bom professor. O referido movimento mobiliza-se pela valorização do “bom professor”. Ao acessarmos o endereço eletrônico, referente aos materiais dessa campanha, na época de seu lançamento, víamos, no topo da página Web, uma animação em *flash*³ finalizada pelo *slogan* “Um bom professor é o melhor caminho para a Educação” e, logo a seguir, referindo-se que para uma Educação de qualidade é preciso valorizar os “bons” professores.



Figura 1- *Layout* do topo da página Web “Um bom professor me ensinou”

Fonte: <<http://www.todospelaeducacao.com.br/bomprofessor>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

Somos professores de Matemática ou que ensinam Matemática. Outros tantos como nós, ao assistirem essa forma de divulgação de um movimento em prol da Educação, focado na valorização do bom professor, poderiam sentir-se mais do que convidados, instigados a traduzir em atos, a letra da mensagem apresentada e, através deste modo de sujeição, vir a ser o chamado “bom” professor, neste exemplo e neste texto, de Matemática.

Esse desejo incitado não só em sujeitos professores, mas também em licenciandos, além da captura e envolvimento de outros profissionais, pela mensagem e “encanto”

³ Software de criação para produzir conteúdo interativo e expressivo.

transmitido pelo vídeo, foi transcrito pelos diversos comentários da página desse movimento, na parte de comunicação e mídia, conforme alguns exemplos a seguir.

<p>17/04/2011 às 41m 10min</p> <p>Márcia Miguel</p> <p>É bem oportuna e necessária a mensagem que se faz presente atualmente na rede nacional brasileira sobre esta nossa classe que sempre foi desvalorizada e que parece que agora urge a valorização, pois a realidade que vemos é que a cada ano a procura pela pro cursos que direcionam a formação acadêmica na área tem sido cada vez menor.</p> <p>Bom professor é aquele que valoriza todas as potencialidades do aluno. Este precisa sentir que é aceito, amado e respeitado. Sua atividade deve ser uma manifestação de ternura e vigor.</p> <p>O educador consciente da importância do seu trabalho, da sua função, enfatiza, valoriza e incentiva o pensamento e a criatividade do aluno na resolução de situações diversas.</p> <p>Todo bom educador assume o papel de problematizador, para que os alunos busquem novas conclusões, através do conflito. Dessa forma, ele leva o aluno a observar, comparar, classificar, analisar, sintetizar, interpretar, criticar, imaginar, aplicar, concluir, transferir, decidir...</p> <p>08/05/2011 às 21h 09min</p> <p>Denize Souza</p> <p>Sou professora de Matemática, e amo o que faço. Me preocupo dia e noite com meus alunos, e esse vídeo traduz exatamente o amor do verdadeiro educador. Parabéns pela criatividade. continuem sempre com a campanha! A - D - O - R - E - i !!</p> <p>23/05/2011 às 10h 15min</p> <p>EDMILSON ANDRADE DO CARMO</p> <p>O vídeo exibido é extremamente verdadeiro, porém, as autoridades que poderiam reconhecer e apoiar o professor acabam cegando e ficando surdas a este tão grande apelo. Não adianta cantar enaltecendo a grandeza do professor, enquanto o professor ganha um mísero salário. Que tais discursos sejam carregadas de novas práticas. Sou professor porque quero, porque amo e porque posso.</p> <p>07.07.2011 às 22min</p> <p>Augusto</p> <p>Fiquei muito impressionado com o que vi. Parabéns pelo excelente vídeo de valorização do Professor. A criatividade foi magnífica... a trilha sonora foi esplêndida Assisti o mesmo durante um comercial de TV e a emoção não se conteve. Já o repeti várias vezes. Estou enviando o mesmo para várias pessoas. Comentando elogiando guardando tanto na alma quanto no coração.... quero guardá-lo para o sempre e toda vez que pensar em desistir do magistério, como muitos já o fizeram, este será o meu refúgio, o meu ânimo, a minha motivação</p> <p>16/05/2011 às 22h 29min</p> <p>Maria de Fátima Ferreira de Oliveira</p> <p>Até que fim um comercial que valoriza o professor, fiquei sensibilizada e acredito ser a educação a base de toda construção de um mundo melhor.Sou professora.</p>	<p>02/05/2011 às 19h 29min</p> <p>Inês Aparecida Pieretti</p> <p>Simplemente maravilhosa e louvável a propaganda. A mais de 30 anos trabalho com educação e percebo o valor do professor se perdendo com o tempo. Como coordenadora converso muito com o corpo docente dizendo que a base de toda profissão estava no trabalho de cada uma delas, motivo pelo qual me identifiquei muito com o conteúdo da propaganda.</p> <p>Parabéns e sucesso a todos nós.</p> <p>14/05/2011 às 27min</p> <p>IANE RODRIGUES - MANAUS AM</p> <p>ESSA MÚSICA É LINDA! QUEM SÃO OS AUTORES ??</p> <p>CADA NOTA, CADA PEQUENA PALAVRA CONSEGUIRAM ESPELHAR O ÍMPETO DO CORAÇÃO DE CADA PROFESSOR QUE AMA A EDUCAÇÃO, QUE DESEJA VER SEUS ALUNOS VENCENDO E CRESCENDO, CONSTRUINDO UM PAÍS CHEIO DE BELEZA E JUSTIÇA, COM CADA VEZ MENOS CORRUPÇÃO E POLÍTICOS CORRUPTOS. PARABÉNS AOS AUTORES QUE TIVERAM ERA CENTELHA DE INSPIRAÇÃO ARTÍSTICA E RICA DE FUNDAMENTAÇÃO. LINDA MÚSICA. MAIS LINDOS AINDA OS DESEJOS DO CORAÇÃO DOS BONS PROFESSORES.</p> <p>17/05/2011 às 23h 07min</p> <p>DEJANIRA AGUIAR DA SILVA</p> <p>Sinto-me lisonjeada toda vez que ouço este precioso conteúdo que tão sutilmente enaltece o professor. Por ser curto e rápido, ele eterniza a dimensão do que somos na vida de cada aluno em nossas mãos (vida e coração).</p> <p>Agradeço aos autores e colaboradores do projeto.</p> <p>17/05/2011 às 16h 10min</p> <p>Adriana Cecim</p> <p>Amo esse comercial...aliás é o comercial mais maravilhoso que já vi em toda minha vida. Parabéns aos criadores e ao projeto por valorizar o professor. Me emocionei quando vi a primeira vez, e nem sou professora, somente aluna.</p> <p>Mais uma vez PARABÉNS.</p> <p>04/07/2011 às 03h 14min</p> <p>Yolanda Castro Serra</p> <p>Parabéns e obrigada pelas belas mensagens em homenagem ao bom professor. É inegável que um bom professor faça toda a diferença na vida de um aluno. Continuem incentivando os bons profissionais, pelo menos com mensagens, já que a valorização profissional, no que se refere à formação inicial e continuada, está bem distante de países que verdadeiramente valorizam e investem em educação.</p> <p>26/06/2011 às 15h 23min</p> <p>Vera Valentino</p> <p>Parabéns pelos criadores, trabalho de grandíssima qualidade, em 01 (um) minuto de vídeo, grandes reflexões, valorização de um profissional tão essencial e tão desvalorizado, como graduanda do Curso de Pedagogia, o vejo como um Prêmio Nacional.</p> <p>Muito bom mesmo ! ! ! ! !</p>
---	--

Figura 2 – Comentários sobre o vídeo da campanha “Um bom começo, um bom professor”⁴

Fonte: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/pecas-de-comunicacao/videos/509/um-bom-professor-um-bom-comeco>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

Não encontramos apenas em meio a tecnologia da informação da internet textos que trazem condutas de caráter prescritivo, exemplos de como ser um bom professor. Essas prescrições, surgem também por meios de livros, de artigos e de outras produções, até mesmo acadêmicas, que se empenham em ditar e descrever modos de ser, de agir e de pensar para professores.

“Como ser um bom professor” (SHEPPARD, 1974), “Como vencer na vida sendo um professor: depende de você” (WERNECK, 1996), “Ser um professor – competências básicas ...1” (MOREIRA, 2008), “Como encantar o aluno da matrícula ao diploma”

⁴ Comentários públicos referentes à campanha publicitária sobre a valorização do bom professor, postados por pessoas que acessaram a página *Web* do movimento *Todos Pela Educação*.

(WERNECK, 2007), – são apenas alguns títulos⁵, disponíveis nas livrarias, que investem na procura pelo “aprimoramento” da formação docente – unidos às palestras motivacionais oferecidas pelas Secretarias de Educação que visam a melhoria da qualidade de ensino esperando, com isso, mudanças positivas nos resultados relativos à aprendizagem, são *práticas*⁶ cada vez mais frequentes na escola.

Proliferam-se, ainda e cada vez mais, em livros, revistas, artigos e em outras publicações, impressas e disponíveis *on-line*, orientações, dicas e os ditos infalíveis do tipo “10 mandamentos para professores de matemática”(POLYA, 1987) ou, ainda, “Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência” (LEMOV, 2011).

Esses livros não são novidade na Educação Matemática atual, mas apresentam reatualizações para a contemporaneidade. Na década de 50, livros compilados pelo escritor, matemático e professor mais conhecido por *Malba Tahan*⁷ como “Roteiro do bom professor” (TAHAN, 1969b), “Páginas do bom professor” (TAHAN, 1969a) e “Antologia do bom professor” (TAHAN, 1952), já traziam consigo diversos modos de comportamento e de condutas a serem seguidas para que professores se tornassem bons.

Essas práticas constituídas por verdades discursivas, em forma de receitas, prescrevem os ingredientes e os modos de preparo necessários que proporcionaria aos alunos uma degustação perfeita da aula de um bom professor de Matemática.

Retornando à leitura do vídeo dessa campanha, busquei ilustrar uma maneira pela qual determinadas práticas podem constituir sujeitos. Na perspectiva foucaultiana o sujeito é constituído pelas verdades que constituem práticas discursivas. Tais como as práticas presentes em tal vídeo, de que um bom professor é o centro da aprendizagem e da formação do aluno, apresentam verdades aos sujeitos licenciandos, podendo conduzir ações e comportamentos, prescrevendo, assim, sua constituição moral e ética.

De outro lado, estão os futuros professores de Matemática, em sua (de)formação inicial, esperando ansiosamente por aquelas fórmulas salvadoras (por pensarem que delas

⁵ Referidos por Loponte e Scheeren (2009, p.10), no relatório final da pesquisa, realizada na FAGED/UFRGS, “Arte e estética na formação docente” que possuía como eixo a arte e a experiência estética e como um de seus objetivos problematizar a constituição de uma dimensão estética para a formação docente.

⁶ Refiro-me às práticas discursivas sob a perspectiva foucaultiana. Neste momento, para um melhor entendimento, tomo práticas no sentido atribuído por López Bello (2011) que, inspirado em Foucault, refere-se como aquilo que se constitui “[...] através de significações que atribuímos a modos de ser, dizer e agir, fazendo uso de regras de significação (na/pela linguagem), prescrições, normas, com princípios explícitos, envolvendo finalidades, propósitos e disposições.” Disponível em http://www.mathforlive.net/documents/lopez_bello.pdf. Acesso em 15 jul. 2011.

⁷ Júlio César de Mello e Souza (1895-1974), mais conhecido por Malba Tahan, foi um escritor e matemático brasileiro. Como escritor foi um dos maiores divulgadores da matemática no Brasil. Como professor de matemática, destacou-se por criticar as estruturas ultrapassadas de ensino.

precisariam) que lhes garantam sucesso na profissão e um bem-estar resultante do cumprimento de tais prescrições.

Tem-se, então, um andar em outra mão, um pensamento diverso das verdades discursivas pedagógicas que lhe constituem, pois entendo que pensar fora desse campo prescritivo, de tudo o que “deve” e “pode” o professor, possui relação não só com seus saberes, mas também com suas práticas, suas formas de ação e suas respostas éticas⁸, que lhe podem dar possibilidades estéticas de ser.

Compreendo, neste trabalho, o sujeito licenciando em Matemática como sujeito constituído pela linguagem, por discursos e suas regras de caráter estratégico que, a partir da relação que estabelece com as verdades que lhe são propostas, passa a se pensar e a se reconhecer, a se dizer e a se enunciar como um bom professor de Matemática.

Ao entrar em contato com tais verdades, muitas encontradas nas produções acadêmicas, aqui entendidas como produções discursivas, os sujeitos licenciandos passam a assumir certas identidades e modos de ser e de agir, através de uma tecnologia que medeia sua relação com verdades pedagógicas presentes na universidade e na escola.

Pensando em algumas dessas amarras foi composta a principal questão de investigação da pesquisa desenvolvida, na dissertação de mestrado intitulada “Jogos de verdade na constituição do bom professor de Matemática”, por Aurich (2011), que dá origem ao recorte deste texto: “*Como os jogos de verdade, no espaço interinstitucional da universidade e da escola, constituem o bom professor de Matemática?*”.

2. Foucault para olhar para a constituição do bom professor

Pensar sob noções de Foucault, como moral, ética e jogos de verdade, juntamente com Educação, implica a dedicação e a insistência de dizer, de ver e de pensar diferentemente do que se pensa. Deslocamentos teóricos são enfrentados para se pensar diferentemente, para que tenhamos também outros modos de ser, de pensar e de agir.

Na perspectiva de Foucault, não é possível pensar que o sujeito licenciando poderia escolher estabelecer uma relação com determinada verdade e não com outra, pois há um estatuto de verdade para a verdade escolhida em detrimento de outras, uma política que diz

⁸ Compreendida sob uma ótica foucaultiana, ética tem sua noção, apresentada mais adiante neste trabalho, deslocada para a maneira como um indivíduo pode constituir-se a si próprio como um sujeito moral de suas próprias ações. Uma maneira de ser, uma maneira de conduzir-se, uma forma de ser visível aos outros. (FOUCAULT, 1984).

quais discursos serão considerados como verdadeiros, quais irão circular em determinadas instâncias, quem são aqueles que poderão dizê-los, quais técnicas e procedimentos serão considerados válidos para a obtenção dessas verdades.

Para esse filósofo, não há sujeito sem que antes exista uma prática constituída de discursos que o sustente. Logo, para a existência do bom professor de Matemática é preciso um conjunto de regras, de prescrições, de significados nas quais o sujeito possa a vir reconhecer-se e enunciar-se como tal.

Contudo, para que ocorra esse reconhecimento do sujeito sobre uma determinada verdade, é preciso um trabalho sobre si mesmo, um processo de subjetivação, um *jogo de verdade* que o faça, através de uma certa prática e tomando essa verdade como parâmetro de referência, entender-se e reconhecer-se como esse sujeito moral.

Para Foucault (2006) a palavra “jogo” refere-se

a um conjunto de regras de produção da verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função de seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda. (p. 282).

A produção de verdades, como jogo, implica a linguagem, porém, embora necessária, não se apresenta como suficiente. Birman (2002) salienta que os jogos de linguagem de Wittgenstein seriam remetidos à construção dos jogos de verdade de Foucault pela agregação da produção de certezas e de crenças fundadas na ação de dispositivos de poder que legitimam verdades e as inscreveriam nos corpos dos indivíduos por meio de processos de subjetivação.

A noção de regra, em Foucault, não está restrita a questão de significação, como constitutiva de um jogo, mas sim evidencia seu caráter estratégico quando representa a possibilidade de produção de uma conduta. Esse caráter estratégico das regras constituintes dos jogos de verdade, regras que orientam, conduzem e governam acabam por significar modos de ser e de agir – os esquemas de comportamento dos indivíduos.

Procuró, aqui, então, entender como se dá essa relação, esse jogo, do sujeito licenciando em Matemática com as verdades pedagógicas do currículo; da Educação Matemática, a contextualização e a inovação; dos saberes, da experiência e dos saberes da experiência, evidenciadas no trabalho de Lenzi⁹ e verificar se há, nessa relação, possibilidades de respostas de caráter ético com efeitos estéticos para esses sujeitos.

⁹ Dissertação de mestrado intitulada de “Prática de ensino em educação matemática: a constituição das práticas pedagógicas de futuros professores de matemática”. Defendida no PPGEdU/UFRGS, em 2008.

Parte-se, então, do estudo de Lenzi (2008), que evidenciou a constituição de sujeitos professores como efeitos de verdades discursivas, para examinar a possibilidade de licenciandos tornarem-se docentes matemáticos éticos através da relação que estabelecem com tais verdades.

Para a noção de ética em Foucault (1984), destaca-se o deslocamento do entedimento remetido aos códigos, pois passa a ser entendida como a maneira pela qual o indivíduo se constitui como sujeito moral de suas próprias ações, os modos pelos quais vem a conduzir-se, a esculpir-se moralmente tendo como referência os elementos prescritivos constituintes de um código moral. Uma maneira de ser visível aos outros.

O entendimento do pensamento ético, então, neste texto, trata da instituição para si de práticas pedagógicas como uma moralidade pela qual o estagiário organiza e pensa formas de se conduzir, modos de viver o exercício de sua prática profissional de um modo singular através de um relacionamento consigo mesmo.

A noção de ética entendida pelos licenciandos da pesquisa de Lenzi (2008) difere da noção de ética trabalhada neste texto. Enquanto se busca discutir possibilidades de outras formas de ser professor de Matemática, que sejam, talvez, menos assujeitadas ao crivo das verdades pedagógicas, os licenciandos entendem como ética, o cumprimento de regras, das prescrições que ditam o que seria a forma *bom professor de Matemática*, medindo-o conforme sua prática pedagógica.

Lenzi (2008) se refere às maneiras pelos quais os discursos, saberes e experiências instituem e regulam as práticas pedagógicas na universidade e na escola e vê a prática pedagógica constituída por discursos, saberes, experiências e relações de poder que instituem e regulam essa prática, desvinculando a ideia de sujeito autônomo e problematizando sobre um sujeito professor que está atrelado a tudo isso, através das técnicas de normalização, de identificação e classificação.

Foi analisado um recorte do material empírico, ditos e escritos que subsidiaram sua investigação, de licenciandos estagiários em Matemática quando participantes de um curso de extensão para formação de professores ministrado por aquela pesquisadora.

3. Jogos de verdade nos ditos e nos escritos dos professores em formação inicial

Os cinquenta e nove segundos de vida do bom professor, no vídeo citado, reforçam o destaque dado à Matemática. Em aproximadamente trinta e seis segundos, equivalentes a

quase 61% da duração do vídeo, imagens referentes à Matemática surgem explicitamente, além de outras ferramentas matemáticas nas demais animações restantes.

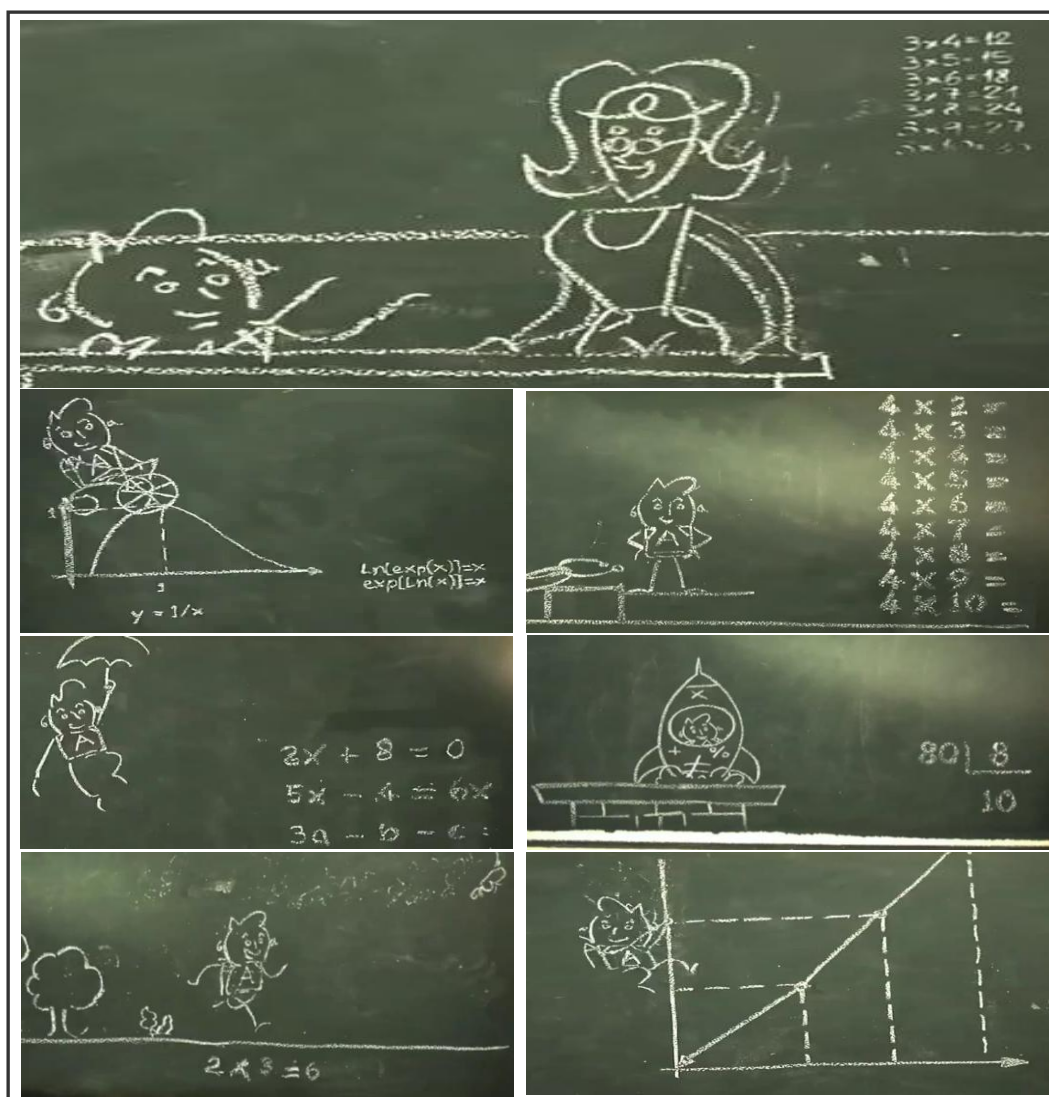


Figura 3 – Fotos de trechos do vídeo “Um bom começo, um bom professor”¹⁰

A partir dos ditos e escritos foram analisados os modos pelos quais os professores são conduzidos em meio as contingências do ambiente escolar e das prescrições que os constituem, nesse espaço, como pensam e agem em meio aos jogos de verdade que lhes são propostos, qual a relação que mantêm com as verdades que tomam para si e como orientam suas condutas em sua constituição moral como sujeito professor de Matemática.

Olhei para os atos ritualizados pelos quais os sujeitos licenciandos vinculam-se a determinadas verdades – das ciências como a Pedagogia, a Matemática e a Psicologia, etc.–, expressos nos ditos e nos escritos produzidos no curso de extensão “Educação

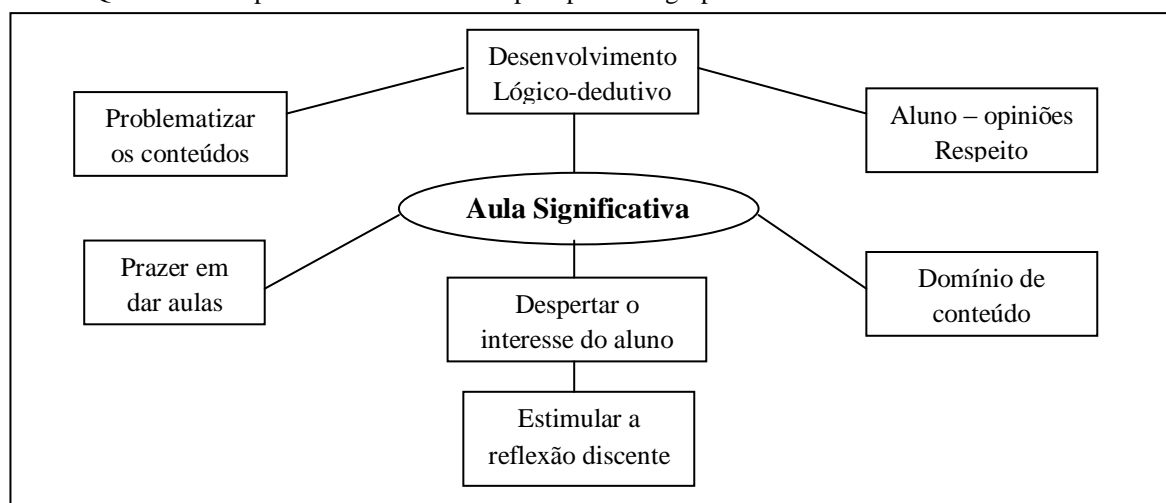
¹⁰ Destaco que algumas dessas imagens fazem uma associação incorreta, por exemplo a imagem da bicicleta cujo gráfico está associado a leis de funções que não o descrevem.

Matemática: concepções e metodologias”, oferecido por Lenzi, do qual participaram catorzes licenciandos em Matemática, em situação de estágio de docência, no qual discutiu-se aspectos pertinentes à formação acadêmica como: “o professor de Matemática que gostaríamos de nos constituir, a aula significativa, o bom professor de Matemática”.

Em um dos encontros do referido curso de formação para professores, foi solicitado aos licenciandos, divididos em alguns grupos, que explicassem, em cartazes e oralmente, como deveria ser executada uma aula significativa, dentro da universidade, que contribuísse com a sua própria formação como um bom professor de Matemática.

Um dos grupos, formado por licenciandos em final de curso, após discussão, apresentaram o seguinte mapa conceitual, seguida de sua respectiva explanação.

Quadro 1 – Mapa conceitual elaborado pelo primeiro grupo de alunos do curso de extensão



Fonte: Lenzi (2008), anexo C

Licenciando₁: Em relação ao professor, a gente destacou, em primeiro lugar, que o professor deve ser dinâmico, mas deve manter o bom senso. Não adianta dar uma aula super empolgado, cheio de disposição, mas chegar no final da aula você vai olhar e não ficou conteúdo nenhum... O aluno fica despreparado.[...] O bom professor deve dominar os conteúdos, não pode se “perder” nas explicações, se ele se perde no quadro ele perde o controle da turma. Isso já foi falado aqui. Tem que ser acessível e compreensível, não adianta ele dizer: “Vocês podem fazer perguntas, podem participar da aula”, mas se o aluno que está na 8ª série pergunta uma coisa que ele não sabe e deveria ter aprendido na 4ª série, o professor responde pra ele que ele já deveria saber aquilo. Tem que ser um professor acessível que não constranja o aluno. O bom professor deve atualizar-se frequentemente. O bom professor tem que ter estilo próprio, uma marca registrada. Se nós pensarmos nos bons professores que tivemos vamos lembrar de sua “marca registrada”. A gente pensa: Aquele professor dizia tal coisa, dava aula de tal maneira, fazia tal coisa. Ele se destaca, em relação aos outros porque tem uma marca registrada em sua aula.

Escrever, julgar e falar são técnicas utilizadas pela pesquisadora pelas quais, neste texto, as verdades científicas passam a ser assumidas como suas pelos licenciandos.

A escrita, na perspectiva foucaultiana, pode ser utilizada para assujeitar o indivíduo a uma verdade ou para assujeitá-lo a si mesmo. Na situação proposta aos licenciandos ela opera como um exercício de assimilação através do qual o

indivíduo auxilia, no ato de escrever, a conversão de determinadas verdades para si, tornando-as suas, implantando-as em si mesmo. (AURICH, 2011, p. 80).

Outro grupo, de concluintes da licenciatura, que já havia cursado ao menos uma Prática de Ensino em Educação Matemática apresentaram e explicaram oralmente um quadro ilustrando as concepções sobre professor, metodologia e ambiente/recursos.

Quadro 2 – Quadro ilustrativo elaborada pelo segundo grupo de alunos do curso de extensão

Professor	Metodologia	Ambiente/Recursos
Dinâmico, mantendo o bom senso; Divertido sem extrapolar limites; Dominar o conteúdo; Acessível e compreensivo; Atualizar-se frequentemente; Possuir estilo próprio.	Propõe questionamentos; Não entrega respostas prontas; Envolve aplicações no campo de interesse dos alunos; Troca informações com os alunos.	Sala de aula limpa, iluminada e arejada; Laboratório de informática na escola; Livros, jogos, material concreto.

Fonte: Lenzi (2008), anexo C

L₂: A gente acredita que o professor deve ser competente, saber o conteúdo, ser organizado, responsável (se faltar deve avisar o aluno) tem que estimular os alunos, ter uniformidade na aula e ter clareza na exposição dos conceitos. [...] O professor tem que ser um pouco ator pra prender a atenção do aluno. Às vezes o professor pode estar mau-humorado, mas ele tem que ser um ator para não passar isso para os alunos. [...] o professor deve focar o aprendizado do aluno, não fugir da realidade da escola e trazer propostas aplicáveis. Deve ter claro e focar qual é o objetivo final de seu trabalho com os alunos.

Percebe-se uma incitação para a produção escrita dos alunos durante esse curso de extensão de formação de professores, uma provocação a um exercício de escrita para expor aos outros. Isso sugere que os licenciandos são incitados a “vestir” as verdades discursivas pedagógicas por eles próprios destacadas, referidas também por Lenzi (2008), jogando o jogo dessas verdades que atuarão, em algum momento, como preceitos morais que lhes darão a forma do bom professor de Matemática.

Quando a pesquisadora questiona: “O que é ser um bom professor de Matemática?” e o licenciando responde através da escrita, é nesse ato de escrever que pode trazer para si as prescrições estabelecidas por determinado código passando a tomar a forma sujeito bom professor na medida em que toma sua conduta em conformidade com tais prescrições.

Nesse curso, os licenciandos discutiram suas escolhas pela licenciatura, pelo curso de graduação, a conduta de seus professores, a valoração sobre estes e suas perspectivas futuras, sobre como seria uma boa aula de Matemática de um bom professor de Matemática. Além de como os licenciandos medem suas ações e a elas se condicionam para se constituírem sujeito morais na prática pedagógica. São relatos sobre os “bons” professores de Matemática que lhes incitaram o desejo de seguimento pela licenciatura.

L₁: Eu lembro-me muito bem de dois professores, dois professores de matemática! Um na 8ª série e o outro no 3º ano. O da 8ª série era fabuloso! Eu nunca vi ele abrir o livro, o ano todo, para dar aula. Ele chegava em sala de aula e começava a falar de outros assuntos completamente diferentes e, no final da aula, nos estávamos com a matéria entendida. Ele era irado! [...] O professor do 3º ano era assim: Ele chegava em aula e dizia: “- Tá muito quente aqui. Saía com a gente para caminhar pelo pátio. Dava aula apontando para as coisas, falava em geometria espacial apontando para os objetos na rua...[...] Ele ia pra rua para calcular volume, para fazer aulas fora da sala de aula. [...] Foram esses dois professores que me inspiraram a querer ser professor de matemática.[...] Quando eu conheci esse professor de matemática, do 3º ano, eu disse: “quero ser professor de matemática!” Graças a ele eu estou aqui!

Nessa atividade, existem verdades discursivas que estão sendo trabalhadas, prescrições que fazem parte de um código de condutas pedagógicas, como as relacionadas com o domínio de conteúdos, com o aprendizado sem sofrimento, o uso da contextualização e da vinculação dos conteúdos à realidade dos alunos, as quais o licenciando vincula-se na medida que as relata e as registra por meio da escrita.

Com esta discussão, não estou sugerindo a desconsideração das prescrições trazidas para esta pesquisa. Em momento algum, entendo-as como desnecessárias. Porém, a partir delas, penso, sim, que deve haver um exercício de pensamento sobre elas para se pensar a produção de possibilidades outras de ser professor de Matemática.

No artigo “Os dez mandamentos do professor de matemática”, traduzido para a Revista do Professor de Matemática, há alguns exemplos dessas prescrições:

1. Tenha interesse por sua matéria.
2. Conheça sua matéria.
3. Procure ler o semblante dos seus alunos; procure enxergar suas expectativas e suas dificuldades; ponha-se no lugar deles. [...]

As três regras anteriores contêm a *essência do bom ensino*; elas formam, juntas, uma espécie de condição necessária e suficiente. Se você tem interesse e conhecimento, e é capaz de perceber o ponto de vista do aluno, *você já é um bom professor ou logo se tornará um*; só precisa de experiência. [grifos meus] (POLYA¹¹, 1987, p.3-4).

Nessa “essência do bom ensino” fundamentada nas ações pedagógicas do professor – ser entusiasmado e dominar seu conteúdo, possuir uma conexão com seus alunos, etc. – o licenciando mede sua conduta de acordo com o que é prescrito por determinado código a fim de entender-se, reconhecer-se, dizer-se, ver-se e constituir-se como bom professor.

¹¹ George Pólya (1887-1985) foi um matemático húngaro. Em “A arte de resolver problemas”, escreveu como se deve induzir quem resolve problemas, sejam estes de matemática ou não, conselhos para professores de matemática - parte publicada na Revista do Professor de Matemática em 1987 sob o título de 10 mandamentos para o professor de matemática.

Prescrições, também, sobre a importância de motivar os alunos, sobre “colocá-los para cima”, não raras vezes são referidas pelos licenciandos que a tomam como uma de outras tantas condutas que deverão possuir para ser um bom professor de Matemática.

Um aluno apresenta um longo cálculo que ocupa várias linhas. Olhando para a última linha, vejo que o cálculo está errado, mas me abstenho de dizer isso. Prefiro acompanhar o cálculo com o aluno, linha por linha: "Você começou bem; sua primeira linha está correta. A linha seguinte também está correta, você fez isto e aquilo. A próxima linha está boa. Agora, o que você acha desta linha?" [...] Evite dizer "Você está errado". Em vez disso, se possível, diga: "Você está certo, mas..." Se você procede assim, você não é hipócrita, você é somente humano. [...] Assim, nós podemos tornar o conselho mais explícito: *Sugira; não os faça engolir à força.* [grifo do autor] (POLYA, 1987, p.6-7).

Nesse trecho, que trata da importância do professor motivar o aluno, a palavra “Sugira”, quer dizer: desperte o desejo. Essa prescrição assujeita ao licenciando, fixando-lhe a verdade de que tudo o que fala deve incitar o aluno, despertar o seu desejo pelo aprendizado e pelo conhecimento.

L₂: Eu não gosto de aulas que o professor fala sempre no mesmo tom de voz. É cansativo, vai dando sono. Eu acho que o professor tem que ser mais alegre, tem que mostrar que está com vontade de dar aquela aula.

Prescrições como essas não são recentes. Já estavam no “Roteiro do bom professor”, uma coletânea de textos compilados, como, por exemplo, sobre o uso da voz:

A maneira de você usar a voz, e a clareza com que pronuncia as palavras, frases e sentenças terão uma tremenda influência na velocidade e na qualidade da aprendizagem dos seus alunos. Independente de quão preparado você esteja para falar, algumas das seguintes faltas podem estragar o efeito total do seu árduo trabalho:

Falar tão rapidamente que os seus ouvintes não possam seguir;

Falar com uma “articulação embrulhada” ou descuidada, de maneira que os ouvintes não sejam capazes de distinguir suas palavras;

Falar tão maciamente, ou sem mudanças na altura da voz, de forma que cause a paciência dos ouvintes;

Falar com monotonia de frequência, ritmo, ou intensidade, de tal maneira que os ouvintes tenham a impressão de que você está pensando mais acerca da licença do que acerca do trabalho em mão. (TAHAN, 1969b, p.101).

Verdades pedagógicas relacionadas com o entusiasmo e a tranquilidade na conduta são recorrentes em seus ditos e demonstram que tais prescrições tem-lhes assujeitado.

L₃: O professor tem que estar entusiasmado com o que está fazendo. Eu estou fazendo a minha prática de ensino neste semestre e nas observações da turma percebi que a professora deles era muito “devagar, quase parando”. Dava aula com o livro na mão, passava um exercício, esperava, quase dormia, quando explicava não era entusiasmada, não convidava os alunos para vir no quadro, participarem da aula, não brincava. Não perguntava nada para eles. O professor deve ter entusiasmo e deve chamar os alunos para participar da aula.

Essa verdade discursiva pedagógica recorrente que vincula ao “título” de bom professor a uma prática pedagógica “entusiasmada”, pois se interessa pela matéria que leciona, não reside apenas nos relatos dos alunos e circulam em livros, artigos e revistas.

É muito difícil prever com segurança o sucesso ou fracasso de um método de ensino. Mas há uma exceção: você aborrecerá a audiência com sua matéria se esta matéria o aborrece. Isto deve ser suficiente para tornar evidente o primeiro e principal dos mandamentos do professor: *Tenha interesse por sua matéria*. (POLYA, 1987, p. 4).

Respeitar o ritmo do aluno é outra prescrição muito comum e própria do bom professor, como relata o licenciando:

L₂: Eu gosto da aula dela porque ela explica com calma, olha pra gente, pergunta se compreendemos, conversa com a gente no corredor e responde as nossas dúvidas.

É a esse sujeito moral que se refere à tarefa de renunciar-se em favor de outro: o aluno. Essa verdade prescritiva pode ser ilustrada no seguinte e antigo texto:

Alguns professôres querem que seus alunos aprendam a Matemática *depressa*, em poucas lições. Essa atitude exprime, em Didática, um erro grave. *Cumpra ao bom professor, no ensino da Matemática, seguir devagar, com muita clareza e segurança*. [...] [grifos meus] (TAHAN, 1969b, p. 13).

4. Possibilidades de autoconstituição docente

Um bom professor, um bom começo? É preciso ser esse bom professor? Não há espaço para outras formas de ser, de dizer-se e ver-se professor de Matemática?

No olhar de Foucault (2006, p. 275), que compreende o sujeito como uma forma e não uma substância, temos que

essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembléia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há, indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas do sujeito: porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes.

Podemos, então, ao invés dessa constituição do sujeito professor pelas verdades pedagógicas, pensar formas outras de ser professor de Matemática. Formas autoconstituídas pelo próprio sujeito, no momento em que estabelece relações com as verdades e prescrições as quais se depara, as quais encontra-se envolvido em sua formação.

Ao ser nomeado como “bom professor”, conforme Aurich e López Bello (2011, p. 9) “[...] o sujeito é fixado a uma identidade através da qual lhe é atribuído um valor, além de, ao nomear-se, atribuir-se imobilidade a algo que é móvel, forja-se ‘uma unidade que a pluralidade das coisas não apresenta’. (MOSÉ, 2005, p. 72).”

Contudo, entendo que há possibilidade do sujeito licenciando responder de forma ética. Responder eticamente, na perspectiva de Foucault, não significa dar respostas a uma determinada ética, ou a uma determinada conduta previsível, mas sim, respostas resultantes de uma problematização realizada pelo sujeito a partir das prescrições que lhe são propostas possibilitando formas outras de ser.

Considerando o sujeito como discursivamente constituído, intencionei mostrar que, na contigência discursiva, há a possibilidade de escolhas diversas para os modos de ser, de agir, de dizer-se e ver-se professor de Matemática que sejam resultantes de movimentações do pensamento sobre as verdades que são apresentadas aos licenciandos.

Como uma prática, então, poderíamos, por exemplo, pensar no planejamento de ensino, entendendo como uma prática constituída de discursos, presente dentro do espaço institucional escolar que envolve saberes, que determinam regras que orientam o sujeito (professor) a agir de modo específico, é pensar em

como o conjunto de verdades do que é ser um bom professor de matemática - aquele sujeito autônomo, sujeito do prático, do fazer, da inovação, da tecnologia, da contextualização, entre tantas outras que classificam os “bons” e os “não bons” - se constituiu, implica em pensarmos nas regras desses jogos que ao produzirem verdades criam identidades e impõem condutas aos indivíduos. (AURICH; LÓPEZ BELLO, 2011, p. 10).

Ao considerar a escrita do planejamento como uma técnica na qual a realização de um exercício de pensamento é possível, transformando esse espaço de assimilação das verdades – próprio da técnica da escrita – para questionamento das mesmas, sobre o que é proposto como formas de conduta para esse sujeito licenciando, o professor formador lhe dá possibilidades para que produza [para si] um sentido próprio ao relacionar-se com as prescrições dos códigos de conduta, potencializando essa possibilidade de modos de ser, de pensar e de agir singulares.

Logo, para a Educação Matemática e a formação de seus professores, acredito que olhar com um viés filosófico – perspectiva e assunto deste trabalho, ainda pouco trabalhados conjuntamente em outras produções acadêmicas – de uma maneira atenta para

a prática do planejamento de ensino gera a possibilidade de formas outras de ver-se e dizer-se professor, diferentes das expressas nos ditos e escritos dos licenciandos.

Há um desejo provocado pela intencionalidade dos discursos, nos licenciandos, de tornarem-se iguais aos modelos de condutas, entendidos como sendo modos de ser e de agir de bons professores de Matemática. Contudo, entendo que nesse espaço, entre o licenciando e a verdade que lhe incita a tornar-se esse bom professor, estão presentes possibilidades de jogar com as verdades ali propostas e com suas regras, com as prescrições morais que lhe atravessam para que possam, ao munir-se dessas próprias verdades, questionando-as, cuidarem-se de si mesmos e responderem com condutas de caráter ético ao constituírem-se, tornando-se docentes éticos matemáticos com possibilidades estéticas de existir.

5. Referências

AURICH, Grace Da Ré. **Jogos de verdade na constituição do bom professor de matemática**. Porto Alegre, 2011. 117f. + Anexos + DVD. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

AURICH, Grace Da Ré; LÓPEZ BELLO, Samuel Edmundo. Jogos de verdade na constituição do bom professor de matemática. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, II / ENCONTRO REGIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, IX, 2011, Ijuí. **Anais do Congresso Nacional de Educação Matemática**. Ijuí: UNIJUÍ, 2011. p.1-12.

BIRMAN, J. Jogando com a verdade: uma leitura de Foucault. **PHISIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 12(2):301-324, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LENZI, Giovana da Silva. **Prática de Ensino em Educação Matemática**: a constituição das práticas pedagógicas de futuros professores de matemática. Porto Alegre, 2008. 106 f. + Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

POLYA, George. Dez Mandamentos para Professores. **Revista do Professor de Matemática**, São Paulo, nº 10, p. 2-10, 1987.

TAHAN, Malba. **Antologia do bom professor**.. Rio de Janeiro: Vecchi, 1952.

TAHAN, Malba. **Páginas do bom professor**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1969a.

TAHAN, Malba. **Roteiro do bom professor**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1969b.